

# Turismo de Aventura: *Off-road* como Prática

**Beatriz Veroneze Stigliano<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Analisa os conceitos de turismo de aventura apresentados por alguns autores, a caracterização das variáveis que compõem a atividade *off-road* no Brasil e a discussão do papel exercido pela natureza em tal prática. Baseia-se na leitura de livros e artigos sobre turismo de aventura e atividade *off-road* e nas opiniões de pioneiros e profissionais da área, obtidas através da aplicação de entrevistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** turismo alternativo; turismo de aventura; *off-road*; caracterização; papel da natureza.

**ABSTRACT:** This article focuses the analysis of adventure tourism concepts presented by some authors, the characterization of the variables that take part in the *off-road* activity in Brazil and the discussion of the role played by nature in this activity. It is based on the literature and articles regarding adventure tourism and the *off-road* activity and on the opinion of pioneers and professionals, obtained by the application of interviews.

**KEYWORDS:** alternative tourism; adventure tourism; *off-road*, characterization; role of nature.

## Introdução

Este artigo é a síntese do Trabalho de Conclusão de Curso, *Off-Road: turismo de aventura*, apresentado à Escola de Comunicações e Artes (Stigliano, 1999). Tem

por objetivos a descrição da atividade *off-road* no Brasil, o estudo de sua relação com o turismo, a análise dos conceitos de turismo de aventura apresentados por alguns autores e a discussão do papel exercido pela natureza em tal prática.

Apresenta os resultados de pesquisas realizadas em periódicos acadêmicos nacionais e internacionais, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, livros, além de pequenos jornais e revistas especializadas na prática *off-road*. A Internet também foi de grande valia na fase inicial do trabalho, para a coleta de informações básicas sobre a atividade em diversos *web sites* disponíveis. Depois de efetuada a pesquisa de gabinete, iniciou-se a pesquisa exploratória de campo, momento em que foram visitados os eventos *Brasil Off-Road* e *Sport Adventure Fair*, ambos realizados no mês de outubro de 1999, na cidade de São Paulo. Na oportunidade, entrevistaram-se dois experientes *off-roaders*<sup>2</sup> que ofereceram grande contribuição ao trabalho devido a suas experiências pessoais.

## Panorama Atual

Devido à crescente divulgação pelos veículos de comunicação de massa e pela propaganda “boca a boca”, a procura pelo *off-road* turístico vem aumentando muito, estimando-se em quase 1 milhão o número de pessoas que se dedicam à atividade no Brasil, proprietários ou não de veículo, praticantes regulares ou esporádicos<sup>3</sup>. Se, há alguns anos, poucos podiam ou se interessavam em visitar lugares como Lençóis Maranhenses (MA), Jalapão (TO), Jericoacoara (CE), na década de 90 viajar a tais destinações tornou-se muito mais simples. Um dos fatores responsáveis por tal mudança foi, sem dúvida, o desenvolvimento de veículos mais confortáveis, seguros, econômicos (principalmente os movidos a diesel) e rápidos. Há que se considerar também, na década de 90, o desenvolvimento do turismo interno de forma geral, a liberação das importações de carros a vinda de montadoras estrangeiras ao Brasil, o aumento da oferta de carros nacionais com qualidade e preço competitivos aos importados, o crescente interesse da juventude por *off-road* e outros esportes de aventura e a melhora no poder aquisitivo da população. Verifica-se, igualmente, existência de um movimento, dinamizado pela mídia, de busca pela natureza, que se demonstra pelo surgimento, a cada ano, de novas revistas e maior espaço nos demais veículos de comunicação, como jornais e televisão, abordando modalidades do turismo alternativo, como o turismo no espaço rural, turismo de aventura e ecoturismo. Todos esses são fatores que descortinam um horizonte promissor para a atividade no Brasil.

1. Bacharel em Turismo e mestranda pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora auxiliar do curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. End.: Av. Pe. Francis Cletus, 1.661, Jd. Country Club - 37701-355 - Poços de Caldas - MG - Brasil. E-mail: beatriz@pucpcaldas.br.

2. Os entrevistados são Nelson de Almeida Filho, fundador do *Jeep* Clube do Brasil e pioneiro na atividade *off-road*. Guido Beier, *off-roader* desde 1969.

3. Dados fornecidos por Nelson de Almeida Filho em entrevista realizada em 26/10/99.

## Atividade

*Off-road*, em português “fora-de-estrada”, é uma atividade que pode ser praticada em motos, quadriciclos, veículos 4x4 e 4x2, até mesmo bicicletas especiais, as MTB, ou *mountain bikes*, caminhões e tratores. Uma de suas características principais é o desafio de vencer as dificuldades de terrenos não pavimentados. É um esporte que reúne aficionados por natureza, pessoas com grande espírito de aventura, buscando viagens a belos destinos ou localidades de difícil acesso. O presente trabalho enfoca, principalmente, o *off-road* sem fins de competição, praticado em veículos tracionados, dentre os quais, incluem-se os jipes.

Não é uma atividade para se praticar solitariamente, deve-se ter sempre companhia de outros para garantir maior segurança e apoio. Por ser realizada em grupos, requer e estimula o companheirismo, solidariedade, paciência, bom humor e maleabilidade para o convívio com o próximo. É considerado como uma ótima opção de relaxamento e alívio ao *stress* do cotidiano vivido nas cidades e propício ao contato interpessoal, gerando laços de amizade duradouros entre os praticantes.

Dentre os pré-requisitos à prática fora-de-estrada, atenção, destreza, coordenação, preparo e responsabilidade são fundamentais, além de itens básicos de segurança do veículo (Santo Antônio ou Gaiola, cinto de segurança de três a quatro pontos, extintor de incêndio, triângulo, macaco, estepe, entre outros) e preparação específica em cursos oferecidos pela maioria dos clubes de jipes.

## Praticantes

Não existe um tipo único de praticante de *off-road*; cada vez mais famílias se iniciam na atividade, englobando pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Para os praticantes de *off-road*, diferentemente da maior parte dos turistas, não é apenas o lugar de destino que importa, mas a fruição completa do que o caminho pode oferecer. Não há pressa de chegar; sempre que possível, evitam-se as estradas asfaltadas e os caminhos pavimentados. Os jipeiros buscam as trilhas, as estradas de terra, a areia das praias, os trajetos que propiciem maior emoção, desafios e contato próximo com a natureza.

O fundador do *Jeep Clube do Brasil*<sup>4</sup> diz que, quando organizaram o clube, juntaram-se a eles diversos tipos de pessoas; as que gostavam do carro, do esporte, de lazer, da mecânica, da raridade ou da antiguidade, das coisas da guerra. Mas, segundo ele, aos poucos o *off-road* foi tomando uma direção que hoje se reflete na maioria de praticantes que buscam a atividade com enfoque voltado ao turismo e

lazer, apesar de ainda haver os que procuram esporte ou que são aficionados pelo carro, estes atualmente uma minoria.

## Modalidades

Segue breve classificação para as diferentes modalidades de *off-road*, tendo como referência o enfoque da atividade no Brasil (Garcia, 1997):

- *expedição*: viagem longa por trajetos de grande beleza cênica. Os praticantes desse tipo de aventura freqüentemente utilizam veículos longos para a montagem de camas internas, improvisação de chuveiros e cozinhas etc;
- “*indoor*”: competição *off-road* realizada em pista fechada, única ou dupla, com obstáculos construídos artificialmente; pode ser de velocidade ou superação de obstáculos;
- “*raid*”: prova de regularidade, com percursos e velocidades predeterminados, em que o piloto e o navegador, com sua planilha e calculadora, fazem todo o esforço para manter a equipe na média de desempenho dos outros participantes. Ganha quem mantiver a média horária indicada, passando pelos postos de controle no tempo ideal.
- *trilha*: é uma incursão que se faz por regiões de matas fechadas, geralmente de trilhas sinuosas e barrentas, com aguaceiros e muitos atoleiros. Pode durar dias ou horas.

Há ainda o Rali, que freqüentemente cruza áreas de dificuldades extremas do globo, tais como o Sertão Nordeste (Rali dos Sertões) e o deserto do Saara (Paris-Dakar), e vem ganhando grande destaque na mídia. Normalmente percorre extensas áreas e é uma prova de velocidade.

As categorias *Trilha*, *Raid*, *Rali* e *Indoor* têm caráter estritamente competitivo, enquanto a *Expedição* caracteriza-se, basicamente, pelo intuito de desfrutar da viagem e apreciação da natureza, uma vez que não há pressa em se chegar ao destino, que, muitas vezes, é o próprio trajeto. Esta categoria, portanto, interessa sobremaneira ao estudo do turismo.

## Ética em Off-Road

Em 1999, elaborou-se um documento contendo os princípios de ética da atividade *off-road*. A idéia partiu do fundador do *Jeep Clube do Brasil*, e foi lançada no Festival Brasil *Off-Road*, em 1997, momento em que se pediu aos demais jipe clubes que enviassem sugestões.

A elaboração dos *Princípios de Ética em Off-Road* deveu-se a diversos

4. Dados fornecidos por Nelson de Almeida Filho, fundador do *Jeep Clube do Brasil*, em entrevista realizada em 26/10/1999.

fatores, dentre eles, o aumento considerável do número de associações de jipeiros, estimado atualmente em 400, espalhadas por cidades de todo território e, por consequência, do número de pessoas que se iniciam na atividade, cerca de 1 milhão. Tendo esses dados em vista e atentando-se ao pouco, ou nenhum, controle que se exerce sobre a prática, devido à falta de interesse ou de condições dos órgãos competentes (de segurança pública e controle ambiental), percebeu-se a necessidade de se formatar um conjunto de diretrizes que viriam a constituir os *Princípios de Ética Off-road*, indicando as ações mais corretas a se tomar frente aos diversos elementos que interagem na prática – os participantes, a natureza, os habitantes dos locais visitados.

Atualmente, buscam-se patrocinadores entre as grandes empresas com interesse no crescimento da atividade, a fim de viabilizar sua impressão e distribuição gratuita a todos os proprietários de jipes, antigos ou modernos.

### **Off-Road e Turismo**

O *off-road* não é uma modalidade turística, mas uma atividade que pode ser identificada como característica do turismo alternativo. Como atividade que é, pode ser realizada com diversos intuitos, quer sejam visitas a paisagens de beleza ímpar; desfrute da natureza, algumas vezes dificilmente acessível por meios convencionais; busca de aventura e emoção em trilhas de difícil transposição; visita a monumentos históricos, festividades, manifestações folclóricas; descanso e relaxamento; encontro de valores diferentes daqueles das grandes cidades; fuga da rotina; busca de contatos interpessoais e até mesmo competição. Porém, duas características principais sobrepõem-se a todas – vencer o desafio imposto pela natureza e apreciá-la.

Existem diversas modalidades turísticas sob a classificação de “modalidades de turismo alternativo”, opostas ao conceito de turismo convencional de massa, dentre elas, o turismo de aventura, do qual, uma das possíveis atividades é o *off-road*. Segue abaixo a Tabela 1 mostrando algumas modalidades de turismo alternativo.

**TABELA 1 – CLASSIFICAÇÃO DE MODALIDADES DE TURISMO ALTERNATIVO**

NÍVEL 1	ALTERNATIVO			
NÍVEL 2	ECOLÓGICO	CULTURAL	AVENTURA	ESPECIALIZADO
NÍVEL 3	Natural	Antro-turismo	Risco	Acadêmico
	Safari Selvagem Etc.	Arqueológico Granjas Rural Etc.	Safári Desportivo Selvagem Etc.	Agrícola Científico Etc.

Fonte: MOWFORT, 1993, *apud* BUENO *et al.*, 1995.

Sobre o turismo alternativo, existem algumas definições, sem que haja, no entanto, consenso e aceitação geral de uma conceituação única. Comumente, diz-se daquela modalidade turística que se opõe ao turismo de massa.

Uma das conceituações encontradas afirma que o turismo alternativo é, geralmente, aquele considerado independente, uma viagem planejada com itinerários que podem ser mudados livremente, realizada por um número relativamente pequeno de pessoas a destinos remotos, principalmente no mundo em desenvolvimento (Jones, 1992).

A segunda aponta que o termo turismo alternativo vem sendo cada vez mais utilizado para vários tipos de turismo: viagens educacionais, de aventura, escalada ou as jornadas realizadas por caminhantes solitários. Afirma que o termo é mais utilizado para viagens no, ou para o Terceiro Mundo, mas que, às vezes, aplica-se a outros países. O princípio mestre dos turistas alternativos, nesta definição, é colocar tanta distância entre eles e o turismo de massa quanto possível; eles tentam evitar o caminho mais freqüentado, querem ir a lugares onde ninguém jamais pisou, fazer atividades que trarão senso de aventura e ajudarão a esquecer a civilização por um pequeno período de tempo. Turistas alternativos usualmente tentam estabelecer mais contato com a população local, não utilizar a infra-estrutura turística e usar as mesmas acomodações e meios de transporte que os nativos. Além disso, tais turistas procuram obter mais informações sobre o local de visita antes e durante suas viagens, sempre solitárias ou realizadas em pequenos grupos (Krippendorf, 1987).

Sobre tais definições, algumas questões polêmicas podem ser apontadas. Para os dois autores, o turismo alternativo tem como uma de suas características ser realizado em destinos localizados, na maior parte das vezes, no Terceiro Mundo (ou Mundo em Desenvolvimento). Conferir ao turismo alternativo o conceito de que ele deve ser realizado, prioritariamente, no Terceiro Mundo mostra uma posição preconceituosa e extremamente excludente, principalmente porque certas práticas são desenvolvidas especialmente no Primeiro Mundo e muitas lá foram criadas (Ex.: mergulho autônomo, *rafting*, *canyoning*). Alternativo pode se contrapor ao massivo em diversos aspectos, mas não de maneira totalmente excludente; uma vez que existem inúmeros locais no mundo desenvolvido que oferecem as condições necessárias a que o viajante esteja longe das multidões, dependendo apenas da área escolhida para a visita. Alguns exemplos são: Grand Canyon (local privilegiado a diversas práticas de turismo alternativo); Yosemite (Parque Nacional dos Estados Unidos e berço da escalada em rocha); Alasca; Northern Territories, Canadá; Mont Blanc (a primeira escalada obrigatória de todo alpinista europeu); Chamonix (local de nascimento do alpinismo na Europa). Nesses locais também é praticado o turismo de massa, com seus roteiros e riscos predeterminados, sem excluir a existência e a fama do turismo alternativo; mas, como nem todos os lugares são facilmente acessíveis a todos os turistas, tais pontos são preservados das pressões do turismo de massa. De forma geral, as próprias atividades do turismo de aventura se encarregam de não permitir que a massa, no sentido de grande número de pessoas, pratique suas atividades, devido a restrições impostas pelas características dos atrativos naturais explorados, da infra-estrutura e dos equipamentos necessários às práticas; além, é

claro, das próprias atividades a serem desenvolvidas, muitas delas envolvendo certo risco, o que a maioria dos turistas não procura em suas viagens.

Para Krippendorff, os turistas alternativos são aqueles que tentam se manter sem utilizar qualquer infra-estrutura turística, usam as mesmas acomodações e meios de transporte que os nativos – se houver tal infra-estrutura, e se os viajantes utilizarem-nas, já não se pratica mais turismo alternativo? Um viajante que realiza inúmeras atividades de aventura durante o dia e pernoita em um hotel, dispondo de alguns confortos, não pode ser considerado praticante de turismo de aventura? A utilização de equipamentos turísticos do local não invalida a atividade que o viajante pratica nem sua intenção. Um aventureiro do BORAC<sup>5</sup>, que enfrenta a Transamazônica, dorme no banco do veículo por 7 dias e passa 2 noites num *lodge* não pode ser considerado um turista convencional. Este tipo de viajante busca por emoções as mais fortes possíveis, enfrentando dificuldades sobre-humanas na transposição de trechos de lamaçais que encobrem até os vidros dos veículos. O que importa é a intenção do viajante, as atividades principais que realiza. A infra-estrutura e o meio de hospedagem utilizado não devem ser os fatores mais relevantes para se definir o perfil de uma viagem.

Além disso, ambos autores afirmam que os turistas alternativos querem ir a lugares onde ninguém jamais pisou antes deles – dizer que ninguém tenha pisado em algum lugar do planeta, ou onde os turistas alternativos têm condição de visitar, é igualmente extremado. Atualmente, há disponíveis inúmeras tecnologias que podem levar o homem a locais de gelo eterno, desertos, fundo de mares e rios, até mesmo ao espaço, através de diversos meios – terrestres, aéreos e marítimos. Cada vez mais, as fronteiras humanas se alargam, quer por curiosidade, quer seja por necessidade, afinal, já passam de 6 bilhões os moradores humanos do planeta. Acredita-se que estas são questões a se refletir e que talvez, no passado, elas tenham sido totalmente verdadeiras, mas, com a evolução dos fatos, devam ser revistas. Talvez a sensação de que ninguém pisou em tal lugar antes deles ainda seja possível em lugares com baixa visitação, mas a cada dia, mais encontros com outros turistas ocorrerão nas localidades alternativas.

Segundo Bueno et al. (1995), o turismo de aventura é uma modalidade de Turismo na qual o viajante participa de maneira ativa no conhecimento do território visitado. Soma-se a isso, a prática de atividades esportivas que, de certo modo, são arriscadas. É uma definição abrangente, que leva em conta a forma de participação do viajante nas possíveis atividades a serem desenvolvidas em um local, não se atendo a caracterizações como a utilização ou não de infra-estrutura turística e outras facilidades ou especificando como deve ser uma destinação de turismo de aventura. Refere-se à intenção que leva uma pessoa a ir a determinada localidade; e essa intenção se reflete na prática de esportes, atividades físicas, movimentação e,

conseqüentemente, acarretará certos riscos, pois são práticas que, em grande parte, lidam com as forças da natureza e que dependem de equipamentos.

Pelo que se apreendeu das leituras realizadas, o turismo de aventura define-se pela prática, ou seja, a atividade praticada é que define se a modalidade de turismo em questão é de aventura. Atividades como *mountain biking*, *rafting*, escalada, *trekking*, bóia-cross, canoagem, mergulho, *rapel*, asadelta, balonismo, pára-quedismo, *off-road*, entre outras, que implicam contato direto com a natureza, procuradas por pessoas com ímpeto aventureiro, buscando por emoções que propiciem altas descargas de adrenalina no organismo, possibilitam o reconhecimento do turismo de aventura. Deve-se, mais uma vez, atentar ao fato de que há localidades em que o turismo de massa convive proximamente com o de aventura, notando-se a diferença entre ambos através das atividades desempenhadas pelos visitantes. Enquanto o turista convencional permanece contemplando a vista de um mirante, o turista de aventura lança-se a escalar, descer com cordas, saltar, fazer atividades que proporcionem emoção extra à visita. No *off-road*, o praticante, munido de seu veículo com tração, desfruta de locais em que o caminho oferece dificuldades de acesso, diverte-se com os obstáculos, ajuda os companheiros que não conseguem transpor alguma barreira. A vivência de um *off-roader* que parte em uma viagem sem fins de competição é composta de contatos interpessoais, quer seja com os povos que moram ao longo dos trajetos, quer seja com os companheiros de viagem, de emoções propiciadas pelo conhecimento de belezas de diversos lugares que lhe eram desconhecidos. A aventura, freqüentemente, é encontrada no próprio caminho.

Há pouquíssimos dados disponíveis sobre o turismo de aventura no mundo. Um estudo sobre a Província de Columbia Britânica, Canadá (Olesen, 1994) afirma ser o turismo de aventura um dos setores da indústria turística que mais cresce na região. Previam-se taxas de crescimento de, pelo menos, 15% ao ano na década de 1990. Destaca-se a carência de profissionais qualificados para desempenhar as funções de guias e operadores, em face da crescente demanda pelas atividades que constituem o turismo de aventura. A maior parte dos guias ganhou experiência na área como conseqüência de seu estilo de vida, ao invés de terem acompanhado cursos de formação profissional. A indústria gerou, diretamente, 1.610 empregos diretos em 1986. As operações são sazonais, em que no mês de agosto o número de cargos gerados é o dobro dos meses de inverno. De 30% a 40% dos empregos são de meio-período ou trabalhos esporádicos. Uma pesquisa recente observou que enquanto na América do Norte o setor turismo de aventura cresce a uma média anual de 10%-20%, muitas empresas familiares na Columbia Britânica dobram suas atividades a cada ano. Em 1977, havia apenas uma empresa de *rafting* na Província; já em 1992, eram cinquenta. Sobre a mão-de-obra empregada no setor, a projeção é de que o crescimento seja da ordem de 3,6%. Uma vez que esta perspectiva é duas vezes maior que a demanda de toda a força de trabalho de Columbia Britânica, um número de 4.400 pessoas treinadas serão requeridas por este setor no ano 2001.

Esse estudo mostra o importante papel que o turismo de aventura desempenha na localidade e alguns benefícios que pode trazer às regiões com atrativos propícios às diversas atividades de aventura, como inúmeras áreas do Brasil.

5. *Brazil Off-Road Adventure Club* - Clube de *off-roaders* conhecido pela organização de expedições com elevados níveis de dificuldade.

Não existe qualquer dado sobre a geração de renda ou empregos diretos e indiretos no país pela atividade *off-road* ou pelo turismo de aventura em geral. O que se sabe é que o público brasileiro que procura as viagens de aventura costuma ter entre 25 e 40 anos de idade, sendo que a capital paulista é a maior emissora desse segmento, além de que, no país, esta modalidade de Turismo ganhou forte impulso a partir da década de 90, especialmente depois da ECO 92, no Rio de Janeiro. Localidades com natureza privilegiada como Chapada Diamantina, Brotas, Itaimbezinho ou Bonito são os principais destinos dos brasileiros adeptos do turismo de aventura (Cintra, 1999).

Brotas, município do Estado de São Paulo, vem se destacando no cenário nacional como um pólo receptor de turistas de aventura. Lá, a Secretaria de Turismo realizou uma pesquisa entre os visitantes que revelou alguns dados importantes sobre o perfil da demanda turística. A cidade atrai cada vez mais turistas, com idade entre 25 e 45 anos, em busca de contato com a natureza ou que procuram um lugar para descansar. A cidade, que abriga ainda alguns casarões do ciclo do café – o recentemente reformado Centro Cultural é um deles – recebe turistas jovens, que não provocam confusões, têm boa escolaridade – 80% possuem curso superior – e alto poder aquisitivo, o que garante um aumento médio de 40% nas vendas do comércio nos fins de semana. Cerca de 70% dos entrevistados são provenientes da região metropolitana de São Paulo (fato grandemente explicado pela proximidade a este pólo emissor), 20% vêm do interior e os 10% restantes são de outros Estados. O desejo de retornar à cidade é elevado entre os entrevistados em Brotas, com 90% de respostas afirmativas (Bittencourt, 1999).

O *off-road* vem ganhando destaque no panorama turístico nacional, apesar de ainda crescer timidamente a cada ano. A atividade já vem sendo oferecida por alguns clubes e operadoras<sup>6</sup>. Estas empresas organizam passeios e expedições com duração e distância variáveis, podendo-se percorrer milhares de quilômetros no Brasil ou até mesmo em outros países. Algumas destas empresas oferecem os veículos, outras não, organizando apenas a estrutura de apoio (médicos, mecânicos), alimentação e hospedagem. O mais freqüente é a realização de pequenos trechos em localidades turísticas, como em Ilhabela, por exemplo, em que se oferece o serviço de transposição da Ilhabela (litoral norte de São Paulo) de um extremo ao outro. Dois exemplos de trajetos internacionais que vêm se tornando muito procurados pelos brasileiros são a travessia até o Deserto de Atacama (Chile) ou a Patagônia (Chile/Argentina).

A natureza exerce papel fundamental na prática *off-road*. Há, de um lado, os que buscam a natureza pelo desafio que ela proporciona; suas pedras, seus riachos, a lama. Por outro, existem aqueles que a procuram pela sua beleza; querem filmar, fotografar, procuram o melhor ângulo para parar o jipe e tirar uma foto com um pedaço do pára-lama aparecendo, para dizer que estiveram lá<sup>7</sup>. Em uma terceira maneira, o saudosismo encontra espaço. Os praticantes vão em busca da natureza

que, em seu imaginário, representa a felicidade, quer seja porque no passado viviam próximos a ela e acreditam que naquela época eram verdadeiramente felizes, quer apenas porque, apesar de nunca terem tido tal vivência, crêem, pelas histórias contadas pela mídia ou por parentes e amigos, que a natureza lhes trará a tão almejada felicidade.

Percebe-se que muitas pessoas buscam a fuga da cidade e querem encontrar satisfação na apreciação de animais silvestres, flores e árvores, banhar-se em rios e cachoeiras, como não têm oportunidade de fazer no dia-a-dia, pois as águas que cortam as cidades estão poluídas e a natureza está confinada em parques públicos. Os indivíduos já não podem mais pescar, conviver com florestas próximas a sua moradia, pois essas não mais existem devido à ação humana, poluidora e devastadora. E estes fatores impulsionam o homem a buscar o elemento que já não mais é familiar a seu cotidiano, a natureza.

### Considerações Finais

Na década de 80, a criação do *Jeep Clube do Brasil* e da primeira revista sobre veículos tracionados no país, a *4x4&Pick-up*, deram o impulso inicial ao fortalecimento do movimento que surgia entre alguns interessados em jipes e natureza. Não existia terminologia, conceito ou idéia estabelecidos sobre a prática fora-de-estrada. O *Jeep*, que era o padrão de carro 4x4, deixou de ser fabricado no país em 1982 e muitos acharam que falar sobre 4x4 naquela época seria infrutífero, pois o único carro fora-de-estrada que havia aqui no Brasil já não era mais produzido. Aconteceu que, na primeira década de existência do *Jeep Clube do Brasil*, a atividade cresceu vagarosamente, mas, a partir dos anos 90, ela se desenvolveu muito rapidamente e tem conquistado cada vez mais adeptos, ano após ano. Fato que não é de se estranhar, em um país com 90% de estradas não asfaltadas. A partir da década de 90, as pessoas começaram a viajar mais pelo Brasil, a explorar destinos diversos daqueles tradicionais pacotes oferecidos pelas operadoras.

Na atividade, a natureza é vista como um refúgio à rotina dos escritórios, aos congestionamentos, à poluição – visual, sonora e do ar; ela une as pessoas, ao invés de separá-las. A crescente necessidade das pessoas em ter maior contato com a natureza, relaxar e divertir-se longe do cotidiano desagregador, estressante e a cada dia mais violento das grandes cidades alimenta a busca por atividades de aventura. Isto explica que o número de pessoas que procuram a prática *off-road* com finalidade de lazer e turismo é maior do que aquelas que visam a competição e vem crescendo a cada dia.

No que diz respeito à preservação ambiental, sabe-se que, se realizada por pessoas sem preparo, a atividade, como qualquer atividade humana, pode trazer prejuízos irreparáveis. São conhecidos alguns casos de trilhas que, após serem extremamente utilizadas, começaram a sofrer com erosão. Para sanar tais males, acredita-se que os jipe clubes, na falta de órgãos governamentais envolvidos,

6. Alguns exemplos são: Ixion Geo (PR), Landscape (RJ), Aventura Expedições e Turismo (RN), Trailway (SP), Maremar Turismo (Ilhabela/SP), Ar Livre Aventuras Clube (RS), BORAC. (SP), Dragoman (Inglesa).

7. Dados fornecidos por Guido Beier, *off-roader* desde 1969, em entrevista realizada em 26/10/1999.

deverão assumir cada vez mais responsabilidades na formação do jipeiro, que deve receber preparação específica para a prática *off-road*.

A elaboração dos *Princípios de Ética em Off-Road* foi um avanço muito grande em direção a se formar a consciência de preservação ambiental, de cuidados com a segurança dos praticantes de terceiros, além de fornecer diretrizes de comportamento adequado diante das diversas situações que se apresentam na prática *off-road*. Se bem administrada, e aí está um dos principais papéis dos clubes de jipe, a atividade pode ser extremamente benéfica à sociedade e ao meio ambiente. Os jipeiros, por possuírem veículos que alcançam todos os tipos de terrenos, podem ser úteis, como já são em algumas localidades, na fiscalização e denúncia de crimes ambientais e em questões de caráter social, como na prestação de socorro a vítimas de calamidades públicas, em auxílio à Defesa Civil. Em virtude da facilidade de transpor níveis de água elevados e trajetos de grande dificuldade, levam vacinas a populações em regiões longínquas, ajudam no resgate de vítimas de acidentes, transportam pessoas ilhadas e propiciam comunicação em casos de enchentes, recolhem lixo depositado em locais inadequados, distribuem cestas básicas, cobertores, presentes de Natal, realizam festas beneficentes. O *Jeep Clube* de Blumenau e o *Bahia Off-road* são boas ilustrações disto, tendo sido reconhecidos como ajudantes da Defesa Civil e condecorados.

A prática *off-road* poderá ser um agente facilitador do desenvolvimento da atividade turística em inúmeras localidades onde veículos não-tracionados não conseguem chegar (regiões com solos pantanosos, grandes extensões de areia e lama); como já acontece em inúmeros lugares, tais como o Pantanal Matogrossense e Lençóis Maranhenses. Além disso, quer seja através da realização de encontros de jipeiros, feiras e eventos, e organização de passeios, quer sejam através da utilização do esporte pelas empresas com programas alternativos para preparação de profissionais, o *off-road* terá cada vez maior contribuição a oferecer à atividade turística.

### Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, Elaine. 1999. Turistas são jovens e bem-educados. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 28, out.
- BUENO, José Carlos; MENÉNDEZ, Ana Maria Moreno; GARCÍA, Maria de los Angeles Oviedo. 1995. El turismo alternativo como un sistema integrado. Consideraciones sobre el caso Andaluz. *Estudios Turísticos*, Espanha, n. 125, p. 53-74.
- CINTRA, Luiz Antônio. 1999. Turismo de aventura conquista brasileiros. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 12 ago.
- GARCIA, James. 1997. *Off-road* para iniciantes. Começando bem (trilhas, raids e indoors). *4x4 & Cia.*, São Paulo, ano 5, n. 43, p. 48-49, fev.
- JONES, Arwel. 1992. Is there a real 'alternative' tourism? *Tourism Management*, vol. 13, n. 1, p. 102-103, mar.
- KRIPPENDORF, J. 1987. *The holiday makers. Understanding the impact of leisure and travel*, Heinemann: London.
- OLESEN, R; SCHETTINI, P. 1994. From classroom to cornice. Training the adventure tourism professional. In: *Tourism the state of the art*. England: John Wiley & Sons LTD.
- STIGLIANO, Beatriz Veroneze. 199. *Off-Road. Turismo de aventura*. São Paulo, ECA-USP.